

22-06-2020

**CHICO BOROCA****Rodrigo Emídio Silva**

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.  
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás]

A seca fazia aquela gameleira ainda mais vitoriosa. Na sombra, Chico Boroca raspava um pedaço de madeira, cerrava-o com a mão e rangia os dentes no toco. O angico esartejado deitava-se numa banca. O artesão aproximava os olhos às suas bordas, tateava, lia os resquícios de alma no morto vegetal. As mãos ásperas alisavam a madeira, Chico Boroca lia os nós como psicanalista. As pálpebras espremiavam o olho direito que buscava as estratégias para tirar o empeno. A plaina ia e vinha, as lascas livres davam de ponta na poeira do terreiro. Acertar o prumo é tirar as mágoas daquilo que já está morto. A imagem de banco já estava formada, um grande e duro banco para magras bundas. O malho dava pancadinhas no formão e talhava a vontade humana. Antes, selvagem, agora, cativo. Dar forma à imagem, essa engenharia das matérias simples que aproxima velhos e crianças. Ali, por horas, Boroca ficava entretido e a imaginação vasculhava as gavetas da lembrança. De lá, saíam chuteiras de futebol e saias de ingênuas paixões. Sua boca usada para o sopro da grossa serragem. Quando a madeira resistia ao ataque da talha, os dentes puniam os lábios. No poente do sol, um besouro escolar trazia seu filho. O menino Fernando descia os degraus na apoteose da poeira, ele andava uns cinco metros, para, enfim, o velho reconhecer que o filho havia chegado. Os materiais escolares eram colocados dentro da camiseta de uniforme e abraçados no fino tronco, o menino travava uma força de proteção. Segurava caneta e lápis na mão esquerda, borracha e apontador, na direita. Não se sabia o que era gente o que era palavra escrita. Após tirar a puída camiseta de uniforme, Chico Boroca convocava a ajuda do menino. O argumento contrário eram os deveres da escola, o pai forçava a voz e rasgava: “anda logo”. O traço de insistência não era pela ajuda, mas pelo ensinamento. O velho queria passar as veias da carpintaria, contudo, Fernando lançava um olhar sem esperança para o ofício. O bracinho do menino sentia a presença áspera das mãos paternas. Palmas e dedos delicados ao talhar a madeira e pedagogicamente grossas com a carne hereditária. Tarefa concluída, o menino sonhava com a palavra escrita, com os sons e os seus significados. Prendia a imaginação na folha de papel, lia as figuras dos gastos livros didáticos, dava movimentos à pose. Ali, no caderninho de capa mole, ele colocava sua presteza, um carpinteiro da palavra, tinha carinho por cada vogal, número e seus desenhos eram todos de um homem adulto.

Negar a infância na roça é resistir, pela esperança, à mão calejada. Pai e filho sonhavam: um implodido, por lembrança; o outro, explodido, de expectativa.

Trinta anos depois, o branco jaleco era o sonho que cobria um ereto corpo. A pele sem marcas de sol enganava muitos sobre o passado. O menino, de tanto abraçar a palavra, teve o bordado de Dr. transpassado na pele. As suaves mãos tornaram-se cirurgiãs. Contudo, a prática médica deixou-as mais frias, como a palavra que ele tanto amava.

O Fernando desde menino aprendeu a engolir o choro para seguir sua caminhada narcísica. A emoção não pode tocar o ombro do médico quando corta corpos, uma habilidade de talhar que precisa de uma exímia concentração.

As ásperas mãos do pai davam alma à matéria morta, as finas mãos do filho não podiam dar almas à matéria, mas, por erro ou infortúnio, tirá-las. O jovem médico tocava corpos com um bisturi; ajeitava dedos, colocava braços no lugar e trazia movimentos aos tendões.

O maldito infortúnio bateu à sua porta, chegaram para ele duas mãos perfuradas e rasgadas. Sala de cirurgia pronta, o sujeito estendido e suas mãos postas para a reparação.

O anestesista trouxe a morte temporária e nosso jovem médico resolve operar. Ele, no meio da intervenção, encontra algumas farpas encrustadas na palma direita. Pergunta qual era a profissão daquelas mãos e uma auxiliar responde “carpinteiras”. Focaliza a face e vê o pai, o seu passado estava ali na sua frente, na face do seu presente.

As mãos, antes, ásperas, agora, enrugadas. Pela primeira vez, o homem hesita, treme diante do seu ofício e as mãos coram. Teve uma confluência de imagens, viu os estigmas de Cristo, mas, também, as mãos punitivas do pai.

Por minutos, olhou cada dedo que já tinha tocado sua pele com a violência educadora. Seria ele a inversão do filho que pune o pai? Um tipo de Cristo às avessas?

O médico volta à cena, corta o que tem que cortar e costura o que tem que costurar, mas deixa as farpas nas mãos.

O filho devolve o sofrimento ao pai e só, naquele momento, nasceu o perdão. Deixar as farpas naquelas mãos era tirar as suas da alma. Pareceu um encontro que ultrapassou os mortais, afinal, Cristo pediu que seu pai perdoasse os humanos, pois não sabíamos o que fazíamos.

Mas Deus sabia de tudo e mesmo assim apostou na violência. Na pior cirurgia de sua carreira, foi aquela de que ele saiu mais leve e com o sorriso confluyente de felicidade. Tirou o jaleco e riu da travessura, escondeu as mãozinhas nos bolsos da calça como se tivesse escondido uma prenda de adivinhação. As farpas talvez fossem a sina que tanto perseguia Fernando. A marca da vingança do filho era dissipada no perdão. Só então ele degustou a páscoa. Os seres humanos são madeiras com nós de angústia e empenados pelas tristezas advindas do crescimento. Os lúcidos dirão que foram ao velório. ■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*